

Em busca de  
**PALAVRAS DE  
REDEENÇÃO**

Em busca de  
**PALAVRAS DE  
REDEENÇÃO**

# Em busca de palavras de redenção<sup>1</sup>

Há neste texto confissões de uma vida colapsada por incontáveis grosserias que muitos de nós conhecem bem. A vertigem da dor, julgo não ter passado completamente, ficaram os resquícios, doses de sombra que se misturam à realidade condenando a percepção a certa ilusão de vida. Mas ainda, assim me submeto ao castigo das memórias, curvo-me aos fragmentos de experiências que permanecem como se o tempo nada implicasse em sua corrosão. Permito-me voltar ao lugar da tragédia, encarar os destroços e assumir os pedaços de vida que são tão meus quanto as estrelas pertencem ao firmamento.

A coragem que possuo foi penosamente conquistada e não veio de uma vez – pequenas porções depositadas na alma como resíduos de instantes de liberdade e glória. Talvez aquilo que me habituei a chamar de coragem não passe de transgressão, o delito de uma vida não conformada em não pertencer que fez ruir coisas pequenas, mas significativas o suficiente para garantir que eu exista. Para mim, não morrer todos os dias é a mais perfeita transgressão.

Transgredito o tempo, a história, a matéria, forço uma revolta em no próprio corpo, recupero doses de vida que foram retiradas e deixaram apenas o silêncio morno da ausência. Faço isso enquanto caminho passos abafados, capturando os sentidos que estão lançados no mundo. Careço de toda força, até a menor centelha ilumina na profunda escuridão. Minha vontade é possuir por inteiro a vida. Fui feito de tantos restos que minha alma ficou faminta por completude.

Quero a claridade, sei que ela existe. Vivi tempo demais na escuridão que até me esqueci de que ao fim da noite a luz brilha em dúvida, mas, ainda assim, brilha. Os pequenos feixes de sol chegam lentamente, sem pressa; a eternidade é apenas uma sensação. A luz rasga o manto das trevas e revela as ausências de mim mesmo, partes da vida que perdi com as cotidianas odiosas implicações da morte.

Sinto a alma estremecer e criar fendas que revelam abismos de tempos distantes, agora conjugados no presente como se entre eles e eu, apenas a vida em suspensão; antes disso, o nada, imperturbável e monolítico. Procuo por estes abismos, esgarço-os tanto quanto posso, lanço-me por completo ao incompreensível, desisti das referências, rasgo com as próprias mãos o tecido da existência e nasço para um novo mundo. O que encontro após o segundo imediato da ruptura é o silêncio e uma vida por fazer. Penetro-o: é denso, maciço, sinto seu peso curvando o tempo, escavo suas paredes e não desisto até demolir a solidão e encontrar a palavra, reluzente e gloriosa.

Tomo posse da palavra, sinto-a fremer em minhas mãos, o vento em um único suspiro corre e ultrapassa a fronteira de meu corpo, alcança o peito, chega a alma. Um calafrio avança em pequenos abalos sísmicos, sinto medo, esse sentimento tão íntimo que nunca me abandonou se move em anúncio de uma lembrança, como se reconhecesse o cheiro do

---

<sup>1</sup> Esse texto foi pronunciado no I Encontro de Comissões ou Subcomitês de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e da Discriminação, realizado pelo Conselho Nacional da Justiça (CNJ) no dia 28 de junho de 2023, na cidade de Brasília-DF.

terror. Penso em retroceder, temo não ser capaz de sustentar a força presente no verbo, mas já é tarde: o visco inebriante da revelação me possui, avanço, segundo a segundo, para o hemisfério da grande iluminação onde habita a verdade, translúcida e misericordiosa.

No centro de tudo, o tempo não existe, respostas cintilam como gotas de orvalho, e as palavras ardem em desejo por libertação. Ouço os sussurros perdidos no tempo, deixo que o espanto de viver golpeie a alma há muito anestesiada: há vida dentro, o entardecer não colocou em finitude o enigma de pertencer à gênese do mundo. A palavra se revela, lenta e penosamente, como se portasse o que existe e o que ainda está por vir. Estou fixo no que não

se pode ver, admiro o sacrifício em execução. Sei que me perderei, muitas vezes, mas em todas elas encontrarei a claridade.

Abandono-me na palavra e faço chover a verdade que a terra seca clama em piedade. Não tenho a pretensão de convencer, o que faço é genuína contemplação, estado de vida. Não vislumbro nada menos do que uma inundação de novas palavras feitas de amor e liberdade.

A força das palavras não está no que elas revelam, mas nos segredos que guardam, nos mistérios que nos levam a erguer as mãos em busca da redenção, uma forma de luz que se encontra no espaço entre a pronúncia e a experiência. Meu desafio é revelar a palavra, resgatá-la desse caos de atrocidades que chamamos de sociedade. A palavra é nossa memória, guardiã das vidas que foram abandonadas no esquecimento.

Agora, vivo com as palavras que encontrei quando o silêncio da noite pronunciou meu nome. Eu atendi seu chamado e penetrei no coração da dor. Tenho as palavras por inteiro, cheias de energia vital, prontas para a regeneração do mundo.

Eu as vi nascerem, estava lá no instante em que irromperam na carne do mundo e a atmosfera cedeu, dissipando o ar e tornando a vida movediça, lenta, densa, desnecessária. O tempo, sequestrado pela extraordinária manifestação das palavras em gestar o mundo em seu ventre, suspendeu-se colocando a vida em abundância. Ondas de luz umedeceram meu corpo, senti as fibras dos músculos em contemplação e os nervos se revirarem em estado de espanto de existir. Pensei na loucura de viver, no toque rugoso do mundo, nas raízes da vida emaranhando em minha alma. É disso que sou feito – de palavras de verdade, genuínas, de amor e liberdade, palavras esquecidas, mas, ainda assim, minhas palavras. Pertencço a esse lugar sagrado, às palavras que ressoam o mundo inacessível às mãos, mas real ao coração. Eu as tenho na alma e as busco, tentando criar um caminho que possa ser para mim a redenção.

Diluído nas palavras, encontro a resposta para a solidão, transporte para o mundo gotas de eternidade.

Chega a noite, avanço pelo mistério, alcanço partes ainda intocadas da alma; vejo o amor, transfiguro e acesso o centro da vida, nado na escuridão e recupero os sonhos abandonados pela impetuosidade do mundo. Eu vejo a vida tomada por palavras que emolduram o que existe. Não resisto à possibilidade de possuí-las e encontrar a salvação, a cura do corpo, a liberdade da alma, a metamorfose dessa vida.

Rendi-me às palavras.

Nelas fiz morada. Carrego em mim seus mistérios, não fujo nem me escondo, deixo-me invadir por completo pelo desejo de vida. Não suporto mais as limitações do mundo, testemunhei tantas vezes a vida ser ameaçada que não admito sequer a possibilidade de uma vida plástica e indolor, desejo a plenitude de minha humanidade. Desejo viver nas bordas e alcançar a eternidade enraizada no coração do universo.

Faço isso como uma prece, uma súplica à grande mãe da vida: não quero esquecer que existe em mim o ventre das palavras sentidas, palavras fortes, palavras humanas, palavras de voracidade pela vida, prontas para o mundo, prontas para implodir o mundo e criar verdades inteiras, depois residir em liberdade em um lugar que não seja mais pura desolação, suor e sangue. Então viverei, mesmo malfeito serei eu mesmo a possibilidade genuína de mim. Encontrarei o ser e habitarei na substância líquida do amor e irradiarei a luminescência em que terei me tornado, uma vida feita de ondas de impulso vital.

E o mundo respirará.

Golpes de ar se alastrarão pelos pulmões doentes do mundo, e uma força avassaladora tomará conta de nós, não haverá mais espaços de ausências e nenhuma deformação, a vida será um ato de liberdade incontestada. Nós teremos, enfim, alcançado a palavra. Nós seremos a palavra.

A palavra não mais machucará.

A palavra iluminará.

Então... a noite será menor.

Então... não estaremos sós.

Então... existirá o amor.

Então... seremos o amor.

\*\*\*

Descobri o peso das palavras muito antes de ser capaz de compreender os sentidos genuínos de minha vida. Era apenas uma criança quando as primeiras sombras vieram e ocultaram a luz macia e quente do sol que ainda brilhava. Tinha poucos recursos defensivos e chego a pensar se haveria alguma defesa, minimamente eficiente, capaz de dar conta da imposição da desumanização. Lembro-me do terror, da sensação de inadequação, da solidão. Lembro-me do solo se movendo sob meus pés e da vida desmoronando enquanto era arrastado por ondas de palavras que zoologizavam meu corpo, repudiavam meus comportamentos, animalizavam meus desejos e faziam de minha vida uma imagem deformada de humanidade. Eu era apenas uma criança quando desceram sobre mim palavras de desprezo que chegariam ao lugar mais íntimo de minha alma, e sussurriam perversidades contra as quais ainda hoje luto, seria por muito tempo e para muitos, um macaco, um "viado", uma bicha, ou um menino estranho com ideias esquisitas.

Nasci no profundo coração da Amazônia e vi a vida acontecer das margens sociais, tive, e confesso ainda ter, dificuldades em lidar com os marcadores sociais que interseccionados em meu corpo me fizeram ainda mais sujeito à violência e à opressão. Sou negro, gay, amazônida e autista: estes poderiam ser apenas marcadores identitários pertinentes ao autoconhecimento, contudo, a história à qual pertencço, à qual todos pertencemos – tratou de fazer de mim um corpo disponibilizado à opressão. O que deveria ser somente uma parte, foi tornada elemento essencial de toda uma vida. Fragmentos identitários foram convertidos em uma forma peculiar de desonra que se estendeu sobre minha vida antes mesmo de meu nascimento. Sou o filho dos filhos, dos filhos, de uma legião de despatriados de humanidade. Pertencço ao lugar inominado em que palavras são desafiadas a retratar a pungência de uma violência atroz que tira de nós até os menores sentidos de positividade.

Ainda me lembro de quando as palavras de ódio cortaram minha carne, da sensação dura e áspera quando o coração arrefeceu às próprias batidas, quando os olhares de desprezo metralharam minha alma, deixando-me árido e sempre um pouco mais passivo à subjugação e ao escárnio social. Ainda me lembro quando a inundação de ofensas aconteceu e o fogo avançou sobre minha vida, consumindo até as menores partículas de esperança.

Eu vi a noite cair sobre nós e arrastar tudo para dentro do caos. Eu estive lá, no centro da tormenta, no lugar em que a própria vida é desafiada, em que viver é mais que uma oportunidade ou mesmo um milagre, mas um ato de pura bravura, uma atitude radical de abrir-se para que o Outro avance veloz peito afora, mesmo que corramos o risco de que nos habite um alguém tão humano quanto nós, feito da mesma matéria de pecado e desolação. Um Outro que não se constranja em partir após conhecer os segredos que com muitos esforços depositamos no lugar mais distante de nossa consciência. E ao sair, mesmo sabendo que o pouco que temos é absolutamente necessário para suportarmos as precariedades às quais estamos sujeitos, ainda assim, leve algo de nós, deixando-nos com o peso do vazio.

Eu sei de todas essas coisas porque estive em todas elas, em cada uma das mínimas ofensas que o Estado e a sociedade dedicaram à nossa gente como um destino natural. Faço parte dessa constelação de vidas que foi esquecida e colocada às margens do lugar de pertencimento de direitos. Durante muito tempo, as ciências políticas e sociais, devidamente comprometidas com a causa dos empobrecidos, enriqueceram nossa sociedade com dados que demonstram a materialidade das desigualdades, dando provas incontestes de que o passado colonial ainda é para nós uma sombra a pairar sobre nossas cabeças. Mas as evidências numéricas não atingem a experiência atordoante de uma vida feita sobre as misérias impostas por uma nação que ainda não foi capaz de admitir a diversidade como seu maior patrimônio. Faltam-nos palavras, até porque as palavras são constituídas em sua gênese de certa limitação, não sendo capazes de plenamente trafegar para o campo da consciência a experiência do corpo, que, na esfera das múltiplas discriminações, esmaga a alma e produz uma dor cuja perfeita descrição somos impossibilitados de fazer.

Quando aqui chegou, o colonizador operou nos instantes imediatos do contato colonial na articulação da linguagem como um dispositivo vigoroso de poder. Enunciou negros e indígenas como uma anomalia identitária<sup>2</sup>. Éramos os incivilizados, desespiritualizados, primitivizados,

---

<sup>2</sup> Sugiro a leitura deste clássico artigo de Aníbal Quijano, publicado em 2005 em que faz uma análise da produção das raças pelo processo de colonização.

inumanizados. Essa linguagem instituiu uma fratura na semântica ontológica, forjando graves desnivelamentos humanos que, pela persistência do tempo e pela profundidade das opressões, edificou em nossa nação um padrão complexo de assimetrias humanas, eixo central das desigualdades de nosso tempo<sup>3</sup>.

As palavras de violência usadas contra nós e nossos ancestrais fizeram-nos nada estranhos à escuridão. Conhecemos o caos de dentro. Vimos a vida ser desfigurada a partir da própria carne, e quando o céu desabou, testemunhamos os efeitos da desordem. A vida nunca foi para nós uma verdade materializada na ordem concreta do existir. Estivemos, ou ainda estamos, em um processo doloroso de disputa que nos custa mais do que a capacidade de aguentar o furor do ciclone. O que nos abate, são os efeitos corrosivos de uma vida enlaçada no campo da indignidade, o que nos custa viver são os dispêndios desnecessários de energias diariamente sacrificadas para edificação do óbvio e do básico, o que nos custa, é o sangue que sabemos escorrer, apesar das inúmeras tentativas em suportar o peso da indiferença e da agressão colonial.

É difícil reportar os danos causados por uma linguagem que despreza o que de mais sagrado possuímos. Eu apenas sei que a dor é maior que a capacidade cognitiva humana em decifrar o que se encontra oculto sob nossa pele. Todas as vezes em que fui julgado pela moralidade cisheterossexual, pelo racismo ou preconceito pela condição cognitiva peculiar ao Asperger, senti o medo avançar sobre o espírito como jato indômito de vento vindo de uma grande tempestade. Tentei me esconder e procurar abrigo, tinha uma alma quebrada e um coração ferido. Estava à deriva na escuridão, à procura de alguém que pudesse atravessar a grande noite ao meu lado, alguém que, apesar das próprias feridas, ancorasse minha alma estilhaçada sobre seu peito. Estava à procura de uma outra linguagem. Uma verdade colorida, que pudesse fazer de mim também uma verdade, uma linguagem de libertação soprada com cuidado sob o corpo ferido e, mesmo que ligeira, potente o suficiente a ponto de fazer de mim uma realidade amável. Estava em busca de seus olhos e do divino que nele habita.

O divino não é autoevidente, é preciso ir ao seu encontro, ver e rever a si mesmo à luz opaca de uma genuína consciência. Contudo, embora essa seja uma tarefa eminentemente singular, não pode ser efetivada no campo da restrita individualidade, a compreensão do eu verdadeiro passa necessariamente pelo Outro<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup>Sobre a fratura ontológica indico o artigo [Diferença Ontológica](#) e em que busco construir essa categoria analítica para entendimento da colonização do Sul-global.

<sup>4</sup>Discussões em torno da dimensão da alteridade podem ser verificadas na obra de Sartre, desde seu apoteótico ontológico *Ser e Nada*, à sua peça teatral *Huis clos* (Entre quatro paredes), quando tenta traduzir a ideia de que ao olhar o Outro nos colocamos sob seu campo de visão, os vemos e eles nos veem. Certamente não é um ato puro, todavia não pode ser desprezado como fonte de conhecimento sobre o que se é; trata-se, invariavelmente, de uma perspectiva angulada do que somos.

Para quem deseja uma compreensão da alteridade sob uma perspectiva não masculina, cisheterossexual e europeia, há a obra de bell hooks, *Olhares negros: raça e representação*. Nesse livro não encontrará a terminologia alteridade e sim Outridade, especialmente no capítulo intitulado “Comendo o Outro: desejo e resistência”, em que, na lógica de sua razão, a Outridade, dentro do sistema pós-colonial, resulta da conversão de pessoas negras em estruturas de desejo da branquidade, seja para a exploração do trabalho, do corpo, da cultura, da mente, enfim, da vida negra. A branquidade faz das pessoas negras alimento para sua insaciável vontade de possuir e dominar o Outro não Branco.

Ainda nessa linha de bell hooks, há o livro *Afropessimismo*, de Frank B. Wilderson III, em que sustenta a tese de que a humanidade da pessoa branca, dentro da atual conjuntura racial, foi construída a partir da desumanidade do Outro, ou seja, a branquitude forjou a si mesma sem elaborar um projeto ontológico pessoal. Longe disso, desenvolveu-se destituindo o não branco da humanidade, são estes processos de exclusão do Outro, sujeito não visto como semelhante, que formaram as fronteiras da branquidade, recorrente sinônimo de humanidade em nossas sociedades.

Por fim, recomendo, para entendimento mais amplo e diversificado da questão da alteridade/Outro, a leitura da obra *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, tanto quanto do artigo de Julie Dorico, [Alteridade Indígena](#):

Inquestionável é o ensinamento socrático de “conhecer-te a ti mesmo”: a ideia dessa fundamental necessidade humana reside no fato de que a grande tarefa das vidas é alcançar o lugar oculto de nossas próprias verdades e potencialidades. Contudo, a simplicidade da proposição filosófica de Sócrates pode nos seduzir ao risco de desorientação da consciência, formando em nós uma verdade doce, porém, inventada.

A submersão em si mesmo, feita de modo isolado, tende a nos limitar a visão apenas daquilo que julgamos estarmos preparados, fazendo que, ao emergirmos das águas de si mesmo, não tenhamos nada mais que uma imagem narcisista de nós. Chegar às profundezas de nós mesmos demanda inevitavelmente a presença do Outro, necessitamos de seu olhar, de suas experiências subjetivas. Há, nesse sentido, a deflagração de uma codependência que para nós, seres humanos, é causa evidente de angústia. Bem por essa razão que Sartre reconheceu, na subjetividade alheia, um inferno temeroso, porque aquilo que somos, tanto quanto aquilo que não sabemos ser, habita em verdades presentes na consciência do Outro, no espaço que não penetramos e não podemos alcançar com nossas pretensões.

De certo modo, chegar a uma imagem genuína, límpida, autêntica e, portanto, gloriosa e sagrada de si mesmo, impescinde da alteridade. Disso decorre nosso medo, porque estamos sempre sujeitos à visão, às limitações e às próprias experiências subjetivas de alguém que não controlamos ser. Se, por um lado, o Outro nos assusta dada sua capacidade de possuir informações que não somos capazes de sozinhos obter, por outro, nós também somos um alguém para os demais, cujo olhar também revela algo especial. Portanto, pesa sobre nós a responsabilidade de sermos vidas necessárias para que o Outro consiga cumprir com sua tarefa existencial. Essa rede de codependências é como hifas que, no subsolo da mata, comunicam informações entre grandes árvores por uma rede complexa de interlocuções invisíveis aos nossos olhos, mas presente de tal maneira a ponto de determinar o sofisticado equilíbrio das florestas.

Não podemos, mesmo que desejemos, renunciar o papel que ocupamos na vida do Outro. Evidente que a consciência dessa responsabilidade gera em nós, não menos que uma tensão psíquica, porque sabemos da importância decisiva que possuímos para que o Outro possa Ser em plenitude. Ao assumirmos com seriedade essa responsabilidade, tendemos a fazer escolhas acertadas que nos levem à construção de relações mais justas e honrosas. Pois, se adotamos como irrefutável a tarefa de ser para o Outro fonte de autoconhecimento, porque não sermos a melhor fonte possível?

Que o Outro encontre em nosso olhar a compaixão necessária para a remissão dos erros inevitáveis de sua jornada humana, encontre empatia em dose suficiente para que se sinta devidamente compreendido; que encontre o amor, em sua forma mais pura e gratuita, para que possa transfigurar a si mesmo em uma potente forma de vida. Que possa encontrar palavras de salvação que o libertem da opressão diária à qual foi sujeito antes mesmo que pudesse reivindicar as bases de sua emancipação.

---

*Voz-Práxis via literatura em a Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami*, em que discute a noção de alteridade derivada da colonização das Américas e a desconstrução do imaginário colonial a respeito do que é o Outro colonizado, tendo como referência os saberes dos povos originários.



Estamos todos sedentos por essas palavras. Buscamos por uma linguagem que revele os mistérios de nosso existir pessoal, que nos leve ao fundo de nosso coração e nos faça lembrar que ainda existe o amor, de que a luz não cessou e a vida ainda vale a pena. Buscamos por palavras que nem sabemos existir, mas que, sob a força de nosso desejo, podem ser inventadas: palavras com a capacidade de carregar em si a força de um vulcão adormecido que quando em erupção é capaz de demolir a ordem opressiva que corrompe toda forma de vida. Buscamos por novas palavras, feitas de uma luminescência púrpura do alvorecer do dia, algo que rompa com o silêncio margeado pela solidão e afonia de nossas almas. Silêncio que foi feito por incontáveis testemunhas que presenciaram nossas ruínas, que assistiram a imposição de adagas afiadas em nossos corpos sem que fizessem um motim de revolta, pois já haviam há muito selado seus lábios e sepultado o espírito no desértico chão colonial.

Eu sei que todos estamos feridos, que pertencemos às mesmas raízes de violência, que temos o coração encajado no passado colonial. Eu sei que tanto eu, quanto os que nos oprimiram/oprimem, foram partidos em inúmeros pedaços, a ponto de quase esquecer o que verdadeiramente são. Sei que todos perdemos algo essencial, que uma parte da luz cessou, que as trevas avançaram como nuvens densas, não fora, mas dentro, ocultando as certezas ancestrais de que nossas vidas valem a pena, que o mundo é proveitoso mesmo no menor de seus sinais e que a beleza é apenas uma gota cristalina que molha nossos olhos, lembrando ao que de fato pertencemos.

Eu sei que a violência colonial ceifou de nós palavras únicas, palavras de salvação. Sei que essa violência implantou o ódio, embruteceu nossas almas e fez de nossos corpos engrenagens ativas e eficientes em um complexo sistema de devastação da vida. A violência colonial tornou-nos inimigos inegociáveis uns dos outros, tanto quanto rivalizou nossas existências com a Mãe Natureza. Subvertendo sentidos, instilaram no mundo ideias que geraram o colapso da vida. A violência colonial construiu palavras que violam a existência e naturalizam um mundo de assimetrias que têm devastado não apenas nossa espécie, mas levado ao sepulcro outras tantas formas de vida.

Estamos a viver um modelo de sociedade hediondo aos princípios básicos de qualquer sensata forma de organização humana. Caminhamos a passos largos rumo à extinção que colocará não apenas nosso futuro como espécie em ponto final, mas o de incontáveis outras formas de vida. A maldade penetrou nossas mentes e se alojou entre as fibras de nossos músculos, somos reféns de nossa incredulidade no amor. Temos à nossa frente um abismo cuja a transposição só pode ocorrer se formos outros seres humanos para nós mesmos e para a vida à nossa volta; se tivermos coragem o suficiente para amar em radicalidade, abandonar os pequenos apreços da modernidade, estáveis na ordem produção-consumo, mais incapazes de auferir felicidade verdadeira; coragem para seguirmos o caminho traçado por gerações que conjugaram em perfeito gerúndio o verbo resistir. Seguir o caminho de regresso a *PachaMama*, cujo mapa reside na vida dos povos originários, quilombolas, ribeirinhos e outros povos das florestas, gente humilde que cultivou uma relação de afeto e contemplação com a grande mãe Terra.

Que sejamos outros para nós e para o mundo, que a centelha de luz que resiste em minha alma, encontre a centelha de luz que resiste em sua alma, que essas milhares de centelhas de luzes nos iluminem a sermos, para o mundo, o mais bonito amor.

**Leandro Aparecido Fonseca Missiatto<sup>5</sup>**

---

<sup>5</sup> Pertencço à mãe amazônica. Nasci, cresci e resido em Pimenta Bueno, uma cidade ao sul do estado de Rondônia. Sou filho de Lafaiete e Irene, pessoas negras, vindas do campo para a cidade, analfabetos, coletadores de lixo, garis. Sou o segundo filho de três, o primeiro a ir para a faculdade; o primeiro a fazer mestrado; o primeiro a escrever um livro; o primeiro a ir para o doutorado. Ser demoradamente o primeiro não é conquista, é o fracasso de nossa nação. Sou negro, não-binário, homoafetivo, pessoa com autismo. Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pesquisador em raça, classe, gênero e diversidade, na perspectiva decolonial. Autor do livro *Colonialidade Normativa*.  
E-mail: [leandro.aparecido@tjro.jus.br](mailto:leandro.aparecido@tjro.jus.br)  
Telefone: (69)99962-7951.

